



# Contos da CAROCHINHA

Maria da Penha Marçal



*Contos da Carochinha,*  
Livraria Quaresma, 1937

*"Quem casar com Dona Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha?!? ..."*

Por que as histórias infantis são conhecidas como **Contos da Carochinha**?

Até mais ou menos 1920, não existiam editoras no Brasil. Os livros vendidos aqui vinham da Europa, especialmente de Portugal e só chegavam a uma pequena parte da população.

Então a Livraria Quaresma passou a trazer para o Brasil livros de cunho popular, em formato reduzido e a um preço acessível, que chamou de "Edições Quaresma". Mas os livros infantis importados trazia uma linguagem que as nossas crianças não entendiam, uma vez que a língua portuguesa falada em Portugal era bastante diferente da língua falada pelas crianças brasileiras.

Por encomenda de Quaresma, **Alberto Figueiredo Pimentel**, escritor e cronista social do periódico Gazeta de Notícias, para quem Quaresma encomendou uma série de livros para crianças.

Ele escreveu **Histórias da carochinha**, o primeiro livro infantil publicado no Brasil. Por isso Figueiredo Pimentel é considerado o precursor da nossa literatura infantil.

Mas afinal, quem é **Dona Carochinha**?





Figueiredo Pimentel criou a imagem de Dona Carochinha como uma velha bondosa e afável a distrair os pequenos com suas narrativas.

Mas como “carocha” significa “barata”, a carochinha é uma *baratinha* e a tradicional história da Dona Baratinha é contada em Portugal como a História da Carochinha, Monteiro Lobato, em *Reinações de Narizinho*, retratou Dona Carochinha como sendo uma velha baratinha de mantilha, sempre enfezada e mal humorada com os personagens de suas histórias, pois estes andam fugindo de seus livros.

Assim todos os tradicionais contos infantis foram chamados de Contos da Carochinha.

(Adaptação do texto de Livio Lima de Oliveira sobre Pedro da Silva Quaresma, em <http://escritoriadolivro.com.br/oficios/quaresma.html>)

## ROTEIRO

Dona Carochinha entra em cena cantando "Quem casar com Dona Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha?!? ..."

Senta-se numa cadeira, abre um livro grande de histórias, lê o texto introdutório e passa a chamar as histórias, que serão narradas por vários contadores, que utilizarão diferentes técnicas de narração. Esses contadores podem estar caracterizados de personagens conhecidos por seu apreço pelos livros, como o Visconde de Sabugosa ou pela narração

Veza por outra a Dona Carochinha é perturbada por uma traça, que aparece querendo comer o livro (o diálogo entre elas deve ser leve e engraçado).

HISTÓRIA	TÉCNICA	RECURSOS
<b>O HOMEM, O MENINO E O BURRO</b>	Teatrinho de sombras	Silhuetas, tecido branco e fonte de luz
<b>A MENINA E O LEITE</b>	Leitura com movimentação dos ouvintes	Cartões com nomes dos personagens
<b>O DOMADOR DE MONSTROS</b>	Narração com desenhos dos participantes	Papel e giz de cera
<b>OS ANÓEZINHOS BONS</b>	Narração simples	XXXX
<b>O DOMÍNIO DAS CORES</b>	Leitura pelos cursantes, alternadamente	Projetor e power point





## O homem, o menino e o burro



Um homem ia com o filho levar um burro para vender no mercado.

– O que você tem na cabeça para levar um burro estrada afora sem nada no lombo enquanto você se cansa? – disse um homem que passou por eles.

Ouvindo aquilo, o homem montou o filho no burro, e os três continuaram seu caminho

– Ô rapazinho preguiçoso, que vergonha deixar o seu pobre pai, um velho andar a pé enquanto vai montado! – disse outro homem com quem cruzaram.

O homem tirou o filho de cima do burro e montou no burro. Passaram duas mulheres e uma disse para a outra: – Olhe só que sujeito egoísta! Vai no burro e o filhinho a pé, coitado...

Ouvindo aquilo, o homem fez o menino montar no burro na frente dele. O primeiro viajante que apareceu na estrada perguntou ao homem: – Esse burro é seu?

O homem disse que sim. O outro continuou: – Pois não parece, pelo jeito como o senhor trata o bicho. Ora, o senhor é que devia carregar o burro em lugar de fazer com que ele carregasse duas pessoas.

Na mesma hora o homem amarrou as pernas do burro num pau, e lá se foram pai e filho aos tropeções carregando o animal para o mercado. Quando chegaram, todo mundo riu tanto que o homem, enfurecido, jogou o burro no rio, pegou o filho pelo braço e voltou para casa.

**Moral: Quem quer agradar todo mundo no fim não agrada ninguém.**

## A menina do leite

A menina era só alegria. Era a primeira vez que iria à cidade, vender o leite de sua querida vaquinha. Colocou sua melhor roupa, um belo vestido azul, e partiu pela estrada com a lata de leite na cabeça. Ao caminhar, o leite chacoalhava dentro da lata.

A menina também, não conseguia parar de pensar. "Vou vender o leite e comprar ovos, uma dúzia."

"Depois, choco os ovos e ganho uma dúzia de pintinhos."

"Quando os pintinhos crescerem, terei bonitos galos e galinhas."

"Vendo os galos e crio as galinhas, que são ótimas para botar ovos."

"Choco os ovos e terei mais galos e galinhas."

"Vendo tudo e compro uma cabrita e algumas porcas."

"Se cada porca me der três leitõezinhos, vendo dois, fico com um e ..."

A menina estava tão distraída em seus pensamentos, que tropeçou numa pedra, perdeu o equilíbrio e levou um tombo. Lá se foi o leite branquinho pelo chão.

E os ovos, os pintinhos, os galos, as galinhas, os cabritos, as porcas e os leitõezinhos pelos ares.

**Moral da história: Não se deve contar com uma coisa antes de consegui-la.**





### **O domador de monstros** Ana Maria Machado

Era uma vez um menino chamado Sérgio. Um menino como você e eu, que às vezes tinha medo e às vezes era corajoso.

Uma noite, antes de dormir, ele ficou olhando as manchas que as sombras das árvores lá de fora iam formando na parede do quarto. Elas mexiam, mudavam de lugar, viravam figuras de monstros horríveis, horrendos, horrorosos.

Sérgio ficou com medo. Para espantar o medo, o jeito era conversar com o monstro: Você pensa que me mete medo, é? Só porque é feioso? Se ficar me olhando assim, eu chamo um monstro mais feio para te assustar.

Mas o monstro da parede nem ligou. Sérgio fechou os olhos bem apertados e chamou um monstro mais horrendo, horrível e horroroso. E avisou: - Aí vem o monstro de **um olho só**.

Quando Sérgio abriu os olhos, o monstro velho tinha ido embora da parede e lá estava o novo, de um olho só, olhando para ele. Aí Sérgio disse: Se ficar me olhando assim, eu chamo um monstro mais feio para te assustar. Mas o monstro da parede nem ligou. Então Sérgio avisou: - Aí vem o monstro de **um olho só e duas bocas**.

E quando abriu os olhos, o monstro velho tinha ido embora da parede, e lá estava o novo olhando para ele com seu olho só e suas duas bocas. Aí Sérgio disse: -Se ficar me olhando assim, eu chamo um monstro mais feio para te assustar. Mas o monstro da parede nem ligou. Então Sérgio avisou: - Aí vem um monstro com **um olho só, duas bocas e três chifres**.

E quando abriu os olhos, o monstro velho tinha ido embora da parede e lá estava o novo olhando para ele com seu olho só, suas duas bocas e seus três chifres. Daí a pouco Sérgio disse: Se ficar me olhando assim, eu chamo um monstro mais feio para te assustar. Mas o monstro da parede nem ligou. Então Sérgio avisou: - Aí vem um monstro de um olho só, duas bocas, três chifres e quatro trombas.

E quando abriu os olhos, o monstro velho tinha ido embora da parede e lá estava o novo olhando para ele. Com seu olho só, suas duas bocas, três chifres, suas quatro trombas. Daí a pouco Sérgio disse: Se ficar me olhando assim, eu chamo um monstro mais feio para te assustar. Mas o monstro da parede nem ligou. Então Sérgio avisou: -Aí vem o monstro com **um olho só, duas bocas, três chifres e quatro trombas e cinco umbigos**.

E quando abriu os olhos, o monstro velho tinha ido embora da parede e lá estava o novo olhando para ele. Com seu olho só, suas duas bocas, três chifres, quatro trombas, seus cinco umbigos. Daí a pouco Sérgio disse: Se ficar me olhando assim, eu chamo um monstro mais feio para te assustar. Mas o monstro da parede nem ligou. Então Sérgio avisou: - Aí vem um monstro com **um olho só, duas bocas, três chifres, quatro trombas, cinco umbigos e seis línguas**.

E quando abriu os olhos, o monstro tinha ido embora da parede e lá estava o novo olhando para ele. Com seu olho só, suas duas bocas, seus três chifres, suas quatro trombas, cinco umbigos e suas seis línguas. Um monstro meio engraçado. Daí a pouco Sérgio disse: Se ficar me olhando assim eu chamo um monstro mais feio para te assustar. Mas o monstro da parede nem ligou. Então Sérgio avisou: - Aí vem um monstro





com **um olho só, duas bocas, três chifres, quatro trombas, cinco umbigos, seis línguas e sete rabos.**

Quando abriu os olhos, o monstro velho tinha ido embora da parede e lá estava o novo olhando para ele. Horrroso e engraçado. Com seu olho só, duas bocas, três chifres, quatro trombas, cinco umbigos, suas seis línguas e seus sete rabos. Sérgio estava com muita vontade de rir, mas disse: Se ficar me olhando assim, eu chamo um monstro mais feio ainda para te assustar. Mas o monstro da parede nem ligou. Então Sérgio avisou: - Aí vem o monstro com **um olho só, duas bocas, três chifres, quatro trombas, cinco umbigos, seis línguas, sete rabos e oito corcovas.**

E quando abriu os olhos um monstro engraçado horrível e gozado estava olhando para ele. Sérgio ficou com vontade de rir, mas disse: Se ficar me olhando assim, eu chamo um monstro mais feio ainda para te assustar. Mas o monstro da parede nem ligou. Então Sérgio avisou: - Aí vem um monstro com **um olho só, duas bocas, três chifres, quatro trombas, cinco umbigos, seis línguas, sete rabos, oito corcovas e nove pernas.**

E quando abriu os olhos, o monstro velho tinha ido embora da parede e lá estava o novo olhando para ele. Horrroso e engraçado, horrível e gozado, horrendo e divertido. Sérgio não aguentava mais de tanta vontade de rir, mas mesmo assim ainda disse: Se ficar me olhando assim eu chamo um monstro mais feio ainda para te assustar. Mas o monstro da parede nem ligou. Então Sérgio avisou: Aí vem o monstro de **um olho só, duas bocas, três chifres, quatro trombas, cinco umbigos, seis línguas, sete rabos, oito corcovas, nove pernas, dez cores, onze caretas, doze sorrisos, treze risadinhas, quatorze gargalhadas, quinze cambalhotas...**

E Sérgio ria tanto que nem conseguiu falar direito. Aí o monstro da parede se assustou com todas essas palhaçadas e foi embora.

Sérgio riu muito até que acabou dormindo e sonhando.

Sonhos em que não entraram monstros horrorosos, horríveis e horrendos, mas entraram monstros engraçados, alegres e divertidos.

Com dezenas de risadas , centenas de gargalhadas e milhares de palhaçadas.

## **Os Anõezinhos Bons**    **Manual do Lobinho**

Lá, no âmago da jângal, vivia uma velha coruja, com grandes olhos redondos e amarelos e tendo em cima da cabeça dois pequenos topetes empinados como orelhas. Os meninos medrosos têm medo dela, porque, a coruja só voa à noite, e lança de quando em vez um pio esquisito que eles acham apavorante e fantasmagórico, mas todos os meninos habitantes da jângal sabem que ela é uma velha sábia, e boa para todos.

Em uma aldeia, próxima do mato, morava um alfaiate que tinha dois filhos. Tônico e João. Eles moravam com seu pai e sua avó, pois sua mãe havia morrido. A avozinha gostava muito deles, mas isto não impedia que continuamente os repreendesse pela sua preguiça e negligência e por serem porcalhões.

Quando brincavam, corriam e gritavam, derrubando os móveis, quebrando a louça, sujando a roupa, enfim, eram umas pestinhas. Nunca pensaram no trabalho que davam aos outros, só pensavam em brincar.

Um dia, a avozinha contou-lhes como tudo era diferente em casa, anos passados, quando estavam lá os Anõezinhos Bons - "O que é um Anãozinho Bom" perguntaram os pequenos. – "Um Anãozinho Bom"





disse a avozinha, “é um homem pequenino, do povo das Fadas, que entra em casa pela madrugada, antes de alguém se levantar, e acende o fogo, varre a casa, carrega a água, faz o café, espana os móveis e limpa o jardim, ele faz uma porção de coisas úteis, mas ninguém os vê. Foge de casa antes que alguém acorde, mas é um grande benfeitor anônimo. Todos ficam contentes com a visita do Anãozinho Bom, pois a casa fica sempre arrumada e limpa”.

Desde esse dia, Tónico e João pensavam como poderiam conseguir a visita do Anãozinho Bom, porque assim não fariam uma porção de coisas que papai e vovó os obrigavam a fazer em casa.

Apoquentaram a avó par saberem como poderiam arranjar a visita tão desejada. Ela lhes respondeu que o melhor seria consultar a velha Coruja, pois estava ao par de tudo que diz respeito às Fadas, portanto, ninguém melhor do que ela poderia dizer aos meninos como encontrar os Anõezinhos Bons. Tónico, o mais velho, saiu depois do anoitecer quando ouviu o pio da Coruja; imitou-a, aproximando-se dela e entabulou conversa. Tónico relatou sua infelicidade; em casa mandavam-no trabalhar sempre quando se desejava brincar, se pudesse conseguir um Anãozinho Bom para vir diariamente ajudá-lo, não teria assim tanta coisa a fazer e a vida lhe seria maravilhosa.

- “Ú Uú. Uú - Uú - Uú - Uú - Uú –UUUUú”.

Disse a velha Coruja: “Você está vendo aquele lagoão? Vai para o lado norte, numa noite de lua cheia, depois faz três voltas no mesmo lugar e grita:

Sai, ó Anãozinho Bom,  
Desta lagoa selvagem,  
No fundo da qual eu vejo  
Claramente a .....

Para você encontrar o fim da quadra, olhe na água; verá o Anãozinho Bom e a rima que você necessita”.

Quando chegou a noite de lua cheia, Tónico foi ao lagoão, rodou três vezes e gritou:

Sai, ó Anãozinho Bom,  
Desta lagoa selvagem,  
No fundo da qual eu vejo  
Claramente a .....

Mas, quando olhou, ele nada viu senão o reflexo de seu rosto.

Voltou então a coruja e disse que não viu ninguém senão o seu reflexo na água, quando esperava ver o Anãozinho Bom que viria à sua casa fazer o trabalho que ele era obrigado a executar.

Pergunta-lhe então, a coruja: - “Não viu você nada cujo nome pudesse terminar e rimar os versos que eu ensinei”?

“Não” respondeu ele.

“Que foi que você viu na água?” Perguntou a Coruja.

“Só a imagem do meu próprio rosto” respondeu Tónico.

“Então? Pensa bem!” Disse a coruja.

“É verdade” exclamou Tónico, “Tem razão! Eu vi a minha própria imagem” e – repetindo a rima terminou a quadra:

Sai, ó Anãozinho Bom,  
Desta lagoa selvagem,  
No fundo da qual eu vejo  
Claramente a minha imagem”.

“Mas”, retorqui Tónico, “eu não sou Anãozinho Bom”.

A Coruja respondeu: - “Não, mas você pode vir a ser um deles, depende somente de você. Você é um menino forte, sabe varrer a casa, é esperto bastante para preparar e acender o fogo, sabe encher uma chaleira e fazê-la ferver; você pode espanar a sala e arrumá-la, pode preparar o café e o desjejum; você pode arrumar a sua cama, dobrar e guardar sua roupa; você deveria fazer tudo isto de manhã cedo, antes que seu pai e sua avó acordassem e eles, pela manhã, pensariam ter recebido a visita de uma Boa Fada. Os Anõezinhos Bons são a gente miúda que faz tudo que é bom em casa. Existem casas que em vez de Anõezinhos Bons possuem os Capetas do Brejo. Estes são maus, verdadeiros demônios. Quando alguém





deseja ficar quieto para ler ou escrever, ou quando se sente fatigado e quer repousar, os Capetas do Brejo começam a gritar e aborrecem todo mundo.

Quando a casa está arrumada, eles desarrumam tudo, quebram os móveis e utensílios, e os outros que tratem de pôr, novamente, tudo em ordem. Eles são sujos preguiçosos e não ajudam ninguém.

Mas os Anõezinhos Bons também não são realmente do povo das Fadas. São simplesmente bons meninos ou meninas de casa que se transformaram em Anãozinhos Bons, levantando-se cedo para fazerem suas ações, em lugar de ficarem na cama até tarde e se comportarem como os Capetas do Brejo.

Os anõezinhos Bons fazem seu trabalho silenciosamente, sem desejar agradecimentos ou recompensas. Fazem porque estão convencidos de que isto constitui seu dever para com seus pais e sua família; algumas vezes isto custará um pouco, quando estão cansados ou quando tem vontade de brincar, mas eles se lembram que isto é o seu Dever e que o Dever está acima de tudo

O mesmo aconteceu em nossa história.

Tonico e João, após terem ouvido a velha Coruja, levantavam-se cedo, varriam a casa, acendiam o fogo, preparavam o café e voltavam muito quietinhos para a cama. Quando sua avó e seu pai acordavam, e pensavam em fazer todo o serviço, ficavam espantados de encontrar tudo feito e pensaram que alguma Fada os tinha visitado.

Isto continuou pelos dias seguintes, e os meninos encontravam neste serviço um prazer superior aos que tinham antigamente quando brincavam barulhentos e tudo desarrumavam. Somente muito tempo depois, é que a avó e o pai descobriram os verdadeiros Anõezinhos Bons.

Cada Lobinho pode e deve ser o Anãozinho Bom de sua casa, fazendo todos os dias boas ações para seu pai e sua mãe sem alardearem serviços.

E ele não presta serviços ou faz boas ações somente em casa, mas também fora dela. Auxilia seus camaradas na escola e o professor, aos seus amigos Lobinhos e ao Chefe de Lobinhos na Caverna, e do mesmo modo às pessoas na rua, nos veículos e em toda a parte.

Todas as vezes que um Lobinho tiver ocasião de ser útil a alguém, isto constitui um dever e, portanto, deve ajudar. Pelo dever cumprido não aceitará, absolutamente, recompensa de qualquer natureza.

### **Domínio das cores** Roberto Caldas

- Este é o Vermelho, cor quente, viva e vaidosa. É mandona e cautelosa, porque aparece em tudo o que é proibição.

- Este é o azul, cor fria, suave e bela. É mais tranquila e serena. Onde aparece, deixa tudo mais bonito e ajuda sempre a pensar.

- Este é o branco: claro, bonito e seguro.

Tem mania de limpeza e fica sempre atrás de quem quer aparecer.

- Estas três cores, muito poderosas, eram donas de um lugar muito organizado.

Conviviam bem, mas sem se misturar jamais!

- Mas um belo dia apareceu na terra delas o amarelo, luminoso e estranho.

- Pouco tempo depois, surgiram o verde – discreto e diferente, o marrom – escuro e elegante e o preto, tão distinto.

- De onde vieram? Tudo agora passou dos limites!

- Os azuis, os vermelhos e os brancos convocaram uma reunião urgente, pois não queriam estranhos por ali. E fizeram uma lei ...

Artigo primeiro e único:

Fica por esta lei determinado que tudo o que não for vermelho, azul ou branco não poderá permanecer neste território. Todo aquele que não respeitar o que determina esta lei será severamente castigado. O castigo será escolhido pelos representantes dos vermelhos, azuis e brancos.

- Assim, o sol que é amarelo, ficou muito esquentado e se pôs para sempre.

- A terra, que é marrom, ficou revoltada e foi embora, grão por grão.





- A vegetação, verde de raiva, retirou-se, levando todas as árvores, jardins e hortas, até a última folhinha.
- Até o preto, que dá contorno e forma a todas as coisas, saiu rapidinho.
- Sem calor, sem alimento e sem a força do contorno, as três cores foram ficando muito fracas...
- Até desaparecerem de vez!
- Mas se os vermelhos, azuis e brancos convivessem com as outras cores...
- Seu lugar ficaria mais bonito e cada cor aprenderia o segredo da outra.
- E misturando-se, novas cores nasceriam. Que beleza, que alegria!
- Como num caleidoscópio, muitas cores, a cirandar, ocupariam o seu posto naquele novo rodar.
- Em harmonia, cada cor acharia sua missão.
- O amarelo ficaria mais belo ao lado do azul, o vermelho mais vigoroso perto do verde, ...
- E assim as cores formariam as flores, aos pares formariam os mares e parecendo cometas cruzariam o espaço colorindo borboletas.
- No conjunto da vida essa união colorida acabaria em um grande abraço. Terno e solidário, envolvendo todo o espaço.
- E bem de longe se veria, repleto de amor e magia, todo o universo vivendo a mais bela harmonia.

